

# Os «Quarenta Mártires de Sebaste». Um testemunho manuscrito do século XV em português

ISABEL VILARES CEPEDA

O opúsculo «Fragmentos preciosos de Códices medievais» da autoria do Prof. Doutor P.<sup>e</sup> Avelino de Jesus Costa, publicado em 1949<sup>1</sup>, continua a proporcionar abundantes surpresas a quem se dedica ao estudo de textos medievais. Com efeito, um fragmento, um ou dois fólhos apenas, aí referenciados, vêm, às vezes, confirmar suspeitas, ou até mesmo revelar textos de que não se conhecia a sua existência. Aliás, numerosos medievalistas de então para cá foram-se dando conta do manancial que essas poucas páginas encerram, a começar talvez pelo P.<sup>e</sup> Mário Martins<sup>2</sup>.

Uma pequena achega para a identificação de um dos «fragmentos preciosos» é o nosso intento. Vem ele assinalado na p. 22, VI-12.

O autor suspeitou em 1949 que dois dos fragmentos (VI-12 e 13) pertenceriam a códices com o texto da *Legenda Áurea* de Jacobo de Voragine, por tratarem de vidas de santos, mas logo a seguir opta pela negativa, e com razão.

Para o n.º 13 a identificação foi sugerida pelo P.<sup>e</sup> Mário Martins no artigo citado na nota 2 e confirmada por mim própria ao proceder à edição do códice alcobacense 280 (datado de 1442-1443) da Biblioteca Nacional confrontando-o com a edição do mesmo texto publicado em Lisboa em 1505 por iniciativa da Rainha D. Leonor. Esse fragmento (um fólio apenas) era, com efeito, o testemunho de que o segundo «livro» da obra hagiográfica compilada, sob a égide do Rei Afonso X, o Sábio, por Bernardo de Brihuega possuía um testemunho mais antigo integrado nos manuscritos

---

1. Publicado primeiramente na revista *Braga: Bol. do Arquivo Municipal*, vol. I, 1949, e no mesmo ano em separado nas Edições «Bracara Augusta», n.º 4.

2. M. Martins, *Fragmentos medievais portugueses*, in «Brotéria», vol. 50, 1950, p. 403-414.

avulsos da Biblioteca Nacional do que o referido códice alcobacense, pois o fragmento é datável do século XIV<sup>3</sup>.

Atentemos, agora, no fragmento 12.

Pelos títulos de dois capítulos transcritos e por me encontrar familiarizada com a redacção do «segundo livro que fala de todo o feyto e de todalas vidas e das paixões dos apóstolos» (Alcobacense 280), foi fácil pôr a hipótese de se tratar de um fragmento que teria pertencido ao terceiro «livro» da mesma obra hagiográfica publicada na sua versão portuguesa em Lisboa, 1513, sob o título «Livro e legenda que fala de todos os feitos e paixões dos santos mártires». Como o título o infere, o conteúdo do terceiro livro da obra hagiográfica a que nos vimos reportando é uma compilação de vidas de mártires do cristianismo levada a cabo por Bernardo de Brihuega, em diversas fases, conforme as indicações que o Rei Afonso X lhe ia fornecendo e que o próprio compilador explica em vários passos do texto<sup>4</sup>.

Esta obra, vertida em português, apenas chegou até nós em impressão tardia (1513), como atrás ficou dito, e essa mesma com grandes falhas segundo a aturada investigação do P.<sup>e</sup> Mário Martins<sup>5</sup>, falhas essas imputáveis ou à versão do texto latino para o castelhano ou à versão portuguesa, ou até a quem preparou o original para ser impresso.

A descoberta do fragmento existente na Torre do Tombo não vem esclarecer estas dúvidas; no entanto comprova a existência de um códice do século XV em língua portuguesa da obra hagiográfica de que vimos falando. O texto, que a capa em pergaminho de um qualquer tabelião do século XVI, preservou até aos nossos dias, se bem que diminuto, é o testemunho irrefutável de que o livro dos feitos e paixões dos santos mártires havia sido copiado no século XV em volume de razoável porte. Quanto à transmissão anterior do texto, continuamos no domínio das hipóteses, se bem que, a exemplo do que aconteceu com «As vidas e paixões dos Apóstolos», terá sido traduzido do castelhano na época de D. Dinis.

E, assim, podemos responder à questão que Mário Martins colocava ao tratar da terceira parte desta obra hagiográfica: «Não existirão ainda quaisquer manuscritos (completos ou incompletos) da versão portuguesa dos mártires, de Bernardo de Brihuega? Se existem, não os conhe-

---

3. Cfr. *Vidas e Paixões dos Apóstolos*. Vol I. Ed. crítica e estudo por Isabel Vilares Cepeda, Lisboa, INIC, 1982, p. LXXVIII, LXXIX, LXXXI e ss. e *Um fragmento inédito das Paixões dos Apóstolos*, Bol. de Filologia, Lisboa, 24, 1975, p. 295-304.

4. Cfr. M. Martins, *Estudos de Cultura Medieval*. Braga: Magnificat, 1972, vol. II, p. 105-119.

5. Cfr. *Idem, Ibidem*.

ceiros»<sup>6</sup>. Se existe um fólio, existiu um códice, o qual, após mais de cem anos, foi considerado de difícil leitura, sem interesse, em suma, «inútil», e desmantelado, como aconteceu a tantos outros.

Quer a relação dos livros que pertenceram a D. Duarte, quer o Inventário do Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de Matosinhos incluem, respectivamente — um *livro dos Martyres, em lingoagem e humas vidas e paixões dos santos em pragaminho* que julgamos referirem-se a este ou outro códice, como, aliás, o P.<sup>e</sup> Mário Martins referiu no estudo que vimos citando<sup>7</sup>. Da relação dos livros que ficaram por morte da Rainha D. Leonor ao Convento da Madre de Deus em Lisboa, consta por duas vezes «A paixam dos Martires», mas pela data em que a Rainha morreu (1525) devem tratar-se de dois exemplares da edição de 1513<sup>8</sup>. O mesmo se pode dizer do «livro que fala dos feytos e paixões dos martyres» que faz parte do rol dos livros que pertenceram a D. Manuel<sup>9</sup>.

Mas, para maior certeza, necessário se tornava proceder ao confronto dos textos. A localização do fragmento foi-nos amavelmente fornecida pelo autor do opúsculo. Trata-se, como foi dito, da capa de um livro de notas de um notário com a cota 7A, livro 2, cx. 1<sup>10</sup> que se conserva na Torre do Tombo. Devido a esta circunstância, o estado de conservação do pergaminho é deficiente: apresenta-se gasto pelo uso que teve, como dobras, buracos, etc., e por consequência de difícil leitura, principalmente do lado exterior. Mesmo assim, é possível reconstituir o texto da parte final do capítulo 284, os capítulos 285, 286 e 287 até quase ao seu termo, (fólios 131 r.<sup>o</sup> a 132 r.<sup>o</sup>) seguindo as numerações dos capítulos e fólios do texto editado em 1513.

O texto «salvo» é a parte final da narração do martírio dos «quarenta cavaleiros que foram marteirados em Sebastia», já que na edição de 1513, ela se inicia no capítulo 276, f. 127 v.<sup>o</sup> e termina no capítulo 287, f. 132 r.<sup>o</sup>.

Trata-se, com efeito, da narração do martírio dos quarenta soldados romanos que sofreram perseguição em Sebaste (Arménia) e foram mortos no início do século IV da era cristã. Este martírio teve grande ressonância

---

6. *Idem, Ibidem*, p. 128.

7. *Idem, Ibidem*, p. 128 e 129.

8. Cfr. *Os livros da Rainha D. Leonor segundo o códice 11352 da Biblioteca Nacional de Lisboa*, por I. V. Cepeda, Rev. da Biblioteca Nacional, Lisboa, n.º 2 de 1987, p. 51-81.

9. *Livraria Real especialmente no reinado de D. Manuel*, por Sousa Viterbo, in *História e Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, 2ª classe, IX, parte I, 1902, p. 1-73.

10. O livro de notas é do século XVI e abrange assentos com datas compreendidas entre 25 de Janeiro de 1571 e 22 de Março do mesmo ano.

no Oriente mas também no Ocidente. Se bem que haja diversas versões, elas coincidem no essencial <sup>11</sup>.

Quarenta «cavaleiros» romanos ao serviço do governador da Capadócia, em tempo da perseguição ordenada pelo Imperador Licínio, são obrigados a sacrificar aos ídolos. Várias tentativas da parte das autoridades não tiveram o resultado esperado. Após uma aparição de Cristo que lhes promete a coroa da vida eterna, os «cavaleiros» são submetidos ao tormento do frio: «e levarom-nos à lagoa os serventes e poserom-nos todos desnus em meo dela; e era entom inverno e fazia muy forte geada porque era já contra a tarde do dia [. . .] E porende hũu da conta dos quorenta, que foy de mui pequeno coração, sayo da lagoa». E a narração continua: após fervorosa oração dos restantes, trinta e nove coroas descem do céu à vista do carcereiro que tudo observa. Este faz confissão pública da sua condição de cristão e mergulha no lago gelado completando novamente o número dos quarenta. No dia seguinte, foram os corpos retirados da lagoa, dando ainda sinais de vida: «E a madre de hũu delles que era mais menino que todolos outros estava hi com eles todavia e temia que se nom espantasse o seu filho pela ventura» e por isso o incitava a perseverar na fé, morrendo ao fim de pouco tempo. Quebraram-lhes as pernas, queimaram-nos e deitaram as cinzas no rio. Passados anos, as mesmas cinzas, que se tinham juntado em parte baixa do rio, luziam como «lumeeiras». As relíquias foram retiradas e guardadas a bom recato até passar a perseguição. «E desta guisa lidando acabaram os quarenta cavaleiros o seu marteiro e resplandecem em no mundo assy como lumieiras».

Quando o texto da edição de 1513 do «Livro e legenda que fala de todolos feytos e paixões dos santos martires. . . » for transcrito na íntegra, outros muitos relatos de martírios verídicos ou mais ou menos lendários que Bernardo de Brihuega, a mandado do Rei Afonso, o Sábio, fatigadamente compilou, em fases sucessivas e percorrendo por fim «todolos moestyros de seus reynos», poderão ser conhecidos e estudados.

O confronto possível de um fólío (2 páginas) manuscrito com o texto impresso será pouco em extensão, mas o suficiente para se tirarem algumas ilacções:

---

11. Cfr. Rodríguez Bueno. Madrid, 1951 (cit. in: GER. — Madrid: Rialp, s.v. «Sebaste, Mártires de»).

O texto é o mesmo. As diferenças que se detectam não são de molde a poder dizer-se estarmos em presença de textos diferentes. Existem sim variantes que atestam diversos condicionalismos:

- a) erros tipográficos no texto edição de 1513 que não aparecem no texto manuscrito:

ed. 1513	ms. séc. XV (ANTT)
<i>poernecima</i>	<i>poer em cima</i>
<i>deles [religas]</i>	<i>delas [religas]</i>

- b) má compreensão do texto latino:

ed. 1513	ms. séc. XV (ANTT)
<i>atque</i>	<i>aquas</i>

- c) diferença cronológica entre os dois testemunhos textuais:

ed. 1513	ms. séc. XV (ANTT)
<i>menor</i>	<i>meor</i>
<i>caudes</i>	<i>caudees</i>
<i>em a</i>	<i>enna</i>
<i>ventura</i>	<i>ventuyra</i>
<i>de sum</i>	<i>de sūu</i>
<i>à(s)</i>	<i>aa(s)</i>
<i>diziam, fizerom</i>	<i>deziām, fezeron</i>

Para terminar, algumas anotações relativas à descrição física do fólio em questão:

- É de pergaminho, como já foi dito, e encontra-se em muito mau estado de conservação: dilacerações, buracos, sujidade, principalmente a meio (correspondente à lombada do «Livro de Notas»).
- As dimensões são de 440 × 290 mm.
- O fólio não foi numerado.
- O texto é a duas colunas, cada uma das quais com 95 mm de largura, com 29 linhas por página. O intercolúnio é de 20 mm. O regramento ou pautado é difícil de detectar embora se entreveja, quer

a marcar as linhas quer os limites das colunas. Não se detecta, no estado actual, picotagem.

- A escrita é gótica. Quanto à decoração são de salientar as iniciais dos capítulos a ocupar o espaço de três linhas — vermelhas com decoração filigranada a azul (ou vice-versa — azuis, filigranadas a vermelho), prolongando-se pelas margens. Os caldeirões são a azul e os textos em latim estão escritos a vermelho.

### Texto do fragmento dos Mártires de Sebaste (\*)

(ANTT Cart. not. 7A, livro 1-capa)

*la* (\*\*) ca os que nós avyamos contra nós tu os as tornados a nós e postos por nós. E a myngua que avya enna quarta decima do nosso conto compriste-a tu, Senhor, e confundiste Satanas.

E desque ouve aquesto dito começou a cantar:

— *Salvum me fac Deus quoniam intraverunt aquas* <sup>1</sup> *usque ad animam meam*, que quer dizer: Salva-me, Deus, ca entraron as aguas taa minha alma.

De como aos <sup>2</sup> santos martires quebrarom as pernas com paaos na ribeira da lagoa, e confortava hũa molher seu filho, que era o meor delles, e assi morrerom todos.

Outro dia a grande manhã veerom os maaos caudees e muy bravos e acharom o carceleiro em meo dos sanctos martires, e preguntarom aos cavaleiros que os guardavam que vira ou [por]que o fezera. E os cavaleiros [lhes disserom:

— Nos com muy grande frio adormeçemos estando todos geados. E desi acordamos quando entrou em a] lagoa e semelhava <sup>3</sup>-[nos que o faz]ia porque lhe semelhava [m]ais forte cousa de os guardar que de morrer com eles.

Entom os bravos caudes com muy grande sanha que ouverom mandarom-nos [ti]r[ar] e poer enna ribeira da lagoa, [e] desi fezeron-lhes a todos britar as pernas

(\*) O aparato crítico refere notas de caracter paleográfico e diferenças de certa entidade em relação à edição de 1513. As letras e palavras ilegíveis do *ms.* foram completadas com as correspondentes da edição, entre parênteses rectos (*impr.*).

(\*\*) Indicação da primeira coluna *la*/ do fólio; as restantes: *b*, *c* e *d*.

1. *aquas*] *atque impr.*
2. *aos*] *a entrel. ms.*
3. *semelhava*] *semelhou impr.*

com paaos. E a madre de hũu delles, que era mais menino que todolos outros, estava hi com eles todavya e temia que se nom espantase o seu filho pela ventuyra, e porende tynha todavya mentes em ele /b/ e tendia as mãos contra ele e dezia:

— Filho muy doce, sofre aynda hũu pouco por tal que vaas daqui acabado, e pois nom temas ca Jhesu Christo esta aqui que te ajuda.

E quando veo aa ora en que avyam de morrer os acabados cavaleiros de Jhesu Christo davam graças a Deus e deziã:

— Anima mea sicut passer erecta est de laqueo venancium. Laqueus constrictus est et nos liberati sumus. Adiutorum nostrum in nomine Domini qui fecit celum et terram, que quer dizer: A minha alma livre he assi como passaro do laço dos caçadores, e o laço é quebrantado e nós somos livres. A nossa ajuda he enno<sup>4</sup> nome do Senhor que fez o ceo e a terra.

E desque ouverom dito todo desũu, sayrom-lhes as almas e derom-nas a Nosso Senhor Jhesu Christo.

De como os corpos dos santos martires foram levados em carretas e a boa molher tomou o seu filho aas costas e o deitou sobre os outros e desi foram todos queymados e deitados no ryo.

O cavaleiro mancebo que estava esforçando sua madre avya nome Arelitom e nom era bem morto ante desfolegava aynda. Entom os adeantados fezerom trazer carros e mandarom poer en<sup>5</sup> cima deles os corpos dos santos martires que os levassem aa rribeira do rio. E os que os levavam cuydavam aynda do mancebo, filho daquela molher, que viverya e leixarom-no aly e levarom todolos /c/ [outros]. Mas quando a sua madre o vyo aly leixar soo deitou [de] si toda fraqueza de molher e gu[a]rneceo-sse de siso e de fortaleza d'omem e tomou logo o filho en seus omb[ros] e começou de hir con ele tra-las carretas. E en levando-o<sup>6</sup> ala sayo-lhe a alma, e a madre que o trazia deitou-o sobre todolos outros nas carretas. E entom acenderom muy grande fogo [e] queymarom [aly todolos corpos] dos santos m[artires]. E cui]darom os adeantados [antre si e disserom]:

— Sse assi leix[armos aquestes, veram] os christão[s e tomarom] as suas religas deles [e encherom todo] o mundo delas<sup>7</sup> [mas deitemo-los em no] ryo.

[E] assi alimparom [aquele lo]gar todo [em] que [elles estavam e deytarom]-nos enno ryo.

De como os christãos daquela terra de sũu con seu bispo tirarom as religas dos santos martires do rio e as guardarom con grande honrra en logares muy escondidos.

---

4. enno] em *imp.*

5. poer en cima] poernecima *impr.*

6. levando-o] levando *impr.*

7. delas] deles *impr.*

Quando as [rel]igas dos santos martires foram deitadas enno rio, prougue a Nosso Senhor que sse ajuntarom todas en hũu logar baixo que era escavado o rryo de guisa que non pode levar nenhũa cousa delas.

E a cabo de tres annos descobrirom-se ao bispo da cidade e disserom:

— Cata que as nossas religas estam g[u]ard[adas em] tal logar, e vay agora ala e traze-os <sup>8</sup> aca.

E era [noyte]. E o bispo /d/ tomou muy grande companha de cristaãos e muytos creligos muy honrrados e foi de noite aa ribeira do ryo aaquel logar que lhe demonstrarom os sanctos martires. E resplandeciam as religas dentro enno fu[n]do da agua assi como se fossem lumeeiras e a agua corri[a] sobr'elas assi como se as tevesse alçadas o rryo enno seo <sup>9</sup>. E se per ventuyra algua cousa das religas fora leixada en outro logar parecia logo per aquela claridade.

E desta guisa levarom os bem aventuyrados cristaãos de sũu com [o bispo] as religas dos santos m[artires] e poseron-nas muy honrradamen[te] em lugares muy encubertos ataa que passou depois a muy gran[de tem]po a perseguiçom que os em[peradores] faziam contra os crista[ãos]. E desta guisa lidando acabarom os quarenta cavaleiros o seu marteiro e resplandecem enno mundo assi como lumieiras, ca eles amando a Deos e tendo] a Jhesu Christo e confessa[ndo o Spiritu] Sancto forom ex[alçados] de Nosso [Senhor]. E leixarom enno mundo r[enem]brança da santa vida pera saude d[e] todo[s] aqueles que creem enno Padre e enno Filho e enno Spiritu San[cto].

E este marteiro destes santos [ca]valeiros foi acabado enno tempo de Licinio o emperador, segundo que vos de suso contamos, sendo Agricolao adeantado [e Lixiom] caudel, a IX dias andados de Março.

Ma[s] agora vos leixaremos aqui de falar /

---

8. trage-os] tragêos *impr.*

9. seo] ceo *impr.*